



RADIOJORNALISMO AMBIENTAL: FRAGMENTOS EDUCOMUNICATIVOS

Rúbia Guimarães Piancastelli¹

RESUMO: O artigo apresenta a perspectiva da dissertação em desenvolvimento na ECA/USP² – “Radiojornalismo ambiental: fragmentos educomunicativos”. Por meio de uma análise do conteúdo ambiental dos programas radiojornalísticos de quatro emissoras educativas (duas em São Paulo e duas em Minas Gerais), embasada pela visão de educomunicação proposta nos anos 70 pelo argentino Mário Kaplún, os estudos preliminares da dissertação conceituam elementos do radiojornalismo e do jornalismo ambiental, situando o leitor em duas áreas fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa. Em especial, são apresentados os conceitos de função educativa e orientadora do jornalismo, partindo da necessidade do exercício das mesmas no contexto de emissoras educativas no país.

PALAVRAS-CHAVE: *Radiojornalismo; Meio Ambiente; Educação; Educomunicação; Cidadania.*

¹ Jornalista graduada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), especialista em Imagens e Culturas Midiáticas pela UFMG e mestranda em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), na linha de Educomunicação.

² Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Introdução

A proposta deste artigo é apresentar os estudos iniciais da dissertação em desenvolvimento na ECA/USP, nos anos de 2010/2011, sobre conteúdo de meio ambiente do radiojornalismo em emissoras educativas. O trabalho consiste em estudar o enfoque ambiental dos programas radiojornalísticos de duas importantes³ emissoras educativas paulistas e mineiras, usando a perspectiva da educomunicação⁴ - uma proposta elaborada nos anos 70 pelo comunicador e radialista argentino Mário Kaplún.

O conceito da educomunicação propõe, na verdade, a construção de ecossistemas comunicativos abertos, dialógicos e criativos, nos espaços educativos, quebrando a hierarquia na distribuição do saber, justamente pelo reconhecimento de que todas as pessoas envolvidas no fluxo da informação são produtoras de cultura, independentemente de sua função operacional no ambiente escolar.” (Disponível em <http://www.nce.usp.br>. Acesso em 10/08/2010)

Em linhas gerais, essa abordagem propõe a construção de ecossistemas comunicativos abertos à participação, tendo como premissa a contribuição e a disponibilidade do seu próprio fazer a qualquer sujeito, tornando-se assim espaços de convivência e produção de cultura. Essa possibilidade de um diálogo real remete ao valioso pensamento do físico norte americano que se aventurou na filosofia e sociologia, David Bohm, para quem o caminho da superação da fragmentação social deve ser através de determinados tipos de diálogo.

Desse modo, num diálogo cada pessoa não tenta tornar comuns certas ideias ou fragmentos de informação por ela já sabidos. Em vez disso, pode-se dizer que os interlocutores estão fazendo algo em comum, isto é, criando juntos alguma coisa nova. (BOHM, 2005:29)

Um terreno interessante para o estudo da produção jornalística ambiental e suas possibilidades de diálogo são as rádios educativas. Pela definição do Ministério das Comunicações, tais veículos são aqueles que obrigatoriamente, por lei, devem ser isentos de comerciais. Seu objetivo primordial deve ser a educação através de seus programas. De acordo com a legislação:

³ O critério da escolha das “principais” deve-se a sua maior audiência e/ou tradição.

⁴ Educomunicação é um termo cunhado pelo argentino Mário Kaplún e posteriormente desenvolvido por vários educadores e profissionais da comunicação.

Podem executar o serviço educativo: a) a União; b) os Estados, Territórios e Municípios; c) as Universidades brasileiras e d) as Fundações constituídas no Brasil cujos estatutos não contrariem o Código Brasileiro de Telecomunicações. Na forma da lei, o serviço de radiodifusão educativa ‘não tem caráter comercial, sendo vedada a transmissão de qualquer propaganda, direta ou indiretamente, bem como o patrocínio dos programas transmitidos, mesmo que nenhuma propaganda seja feita através dos mesmos’ (Parágrafo único do art. 13 do Decreto-lei nº 236, de 1967)”. (Ministério da Cultura, 2010)⁵

O cenário legal da produção radiofônica no Brasil é de um sistema conflituoso, já que as normas são consideradas pouco específicas e confusas em sua interpretação e cumprimento. Sem entrar no mérito de uma discussão normativa, a proposta é investigar o conteúdo ambiental dos programas jornalísticos de quatro rádios. São eles: o programa Atenção Brasil, da 103.3 FM Rádio Cultura; o USP Notícias Primeira Edição, da 93.7 FM Rádio USP (ambos em São Paulo); e ainda o Variedades, da 106.7 FM Rádio Favela; e o Jornal UFMG, da 104.5 FM UFMG Educativa (ambos em Belo Horizonte).

Para uma análise aprofundada de cada programa, se propõe a investigação da sua pauta, de como é feita a pesquisa de informações e a escolha das mensagens, abrangendo ainda o formato dos programas e até mesmo o papel dos jornalistas. Cada detalhe estudado tem o objetivo de avaliar – considerando os devidos contextos sócio-políticos e culturais onde cada emissora se encontra – se a complexa mensagem radiofônica jornalística trata-se realmente de um informativo educativo-cultural. Esses programas podem ser assim considerados, como afirma o Ministério das Comunicações do Brasil, “se neles estiverem presentes elementos instrutivos ou enfoques educativo-culturais identificados na sua programação”. (Disponível no site do Ministério das Comunicações: http://www.mc.gov.br/rtv/perguntas_resp/. Acesso em 16/08/2010).

Neste contexto, o pensamento do pesquisador norte-americano Fraser Bond é essencial para a compreensão do processo jornalístico. Segundo Bond, o jornalismo tem “quatro razões de ser fundamentais: informar, interpretar, orientar e entreter” (Bond, 1961:19). Tendo cada uma a sua importância, nos detemos aqui na função de orientar, ou seja:

⁵ Retirado do site <http://www.mc.gov.br/radiodifusao/>. Acesso em 10/08/2010.

(...) fazer com que chegue ao leitor ou ouvinte, além da notícia de um fato, de um acontecimento ou de uma teoria, também explicações, interpretações, material de base e diagramas, orientados no sentido de ajudar o indivíduo a compreender melhor o que lê ou ouve (BOND, 1961:20).

O conceito de Fraser Bond sobre “orientar” é ampliado por um termo mais recente, a função pedagógica. O jornalista e professor brasileiro Wilson da Costa Bueno (2007), define tal função como a que “diz respeito à explicitação das causas e soluções para os problemas ambientais e à indicação de caminhos (que incluem necessariamente a participação dos cidadãos) para a superação dos problemas ambientais” (Bueno, 2007:35).

Diante das funções orientadoras para a educação⁶ percebem-se vários conflitos existentes no campo do jornalismo e, ainda mais especificamente, no jornalismo ambiental. Conflitos econômicos devido à natureza da exploração de qualquer tipo de trabalho – como o do jornalista – trazem uma realidade de dissonâncias dentro de uma mesma classe: um radiojornalista da capital paulista ganha cerca de 23% a menos que um jornalista de veículo impresso no mesmo local⁷. Além disso, dilemas políticos, como o questionamento da validade do diploma jornalístico, e ético-técnicos – que dizem respeito ao modo e padrões adquiridos desde a formação até o exercício do jornalismo, a exemplo da prática do *Gillette-press*⁸ ou sua versão mais atual “copia e cola” – se reúnem no *corpus* problemático que é próprio campo da comunicação.

4

Uma das abordagens entre o jornalismo e a educação pode ser feita sob a perspectiva das interações estabelecidas junto aos públicos. Nessas relações, para entender se o jornalismo exerce ou não um papel de *orientação para a educação*, um dos caminhos são as análises sobre o grau e qualidade da participação dos ouvintes nos programas de rádio. O verdadeiro diálogo entre os agentes da comunicação é considerado fundamental para a existência de uma real perspectiva educativa. O formato dos programas poderá ser um bom indicador disso.

⁶ A idéia de orientação para educação será adotada desse ponto em diante, entendendo-se com isso uma fusão de ambos os conceitos de Bond e Bueno. Essa forma define melhor o ponto de vista defendido nessa dissertação e possibilita uma aplicação direta ao conteúdo que será analisado, o ambiental.

⁷ Dados da base de junho/2010, disponíveis no site da Fenaj: <http://www.fenaj.org.br/pisosalarial.php#SP>. Acesso em 19/08/2010.

⁸ Termo cunhado décadas atrás e que dizia respeito à prática de recortar notícias dos jornais para reler ao ouvinte das rádios. Para melhor explicação histórica, ver a referência Ortriwano, 2003.

Ao analisar os discursos radiojornalísticos – desde sua elaboração de pauta até o formato e conteúdo escolhidos para a reportagem – o projeto considera a complexidade do processo jornalístico no rádio, baseando-se em suas características intrínsecas como a oralidade, penetração, mobilidade, baixo custo, imediatismo, instantaneidade, sensorialidade e autonomia (Ortriwano, 1995:78-81). Na tentativa de reunir todas essas características para melhor compreensão da potencialidade do rádio, temos a seguinte afirmativa: a linguagem oral é aquela que ganha vantagem sob as demais por sua simplicidade e maior abrangência social, sendo capaz, de maneira autônoma, de penetrar em lares e atravessar fronteiras, já que seu sistema tecnicamente pouco complexo e seu baixo custo operacional permitem ao ouvinte o estabelecimento de uma interação especial e de ordem sensível com o aparelho que emite ruídos, elementos sonoros esses que atingem de maneira imediata e instantânea o consciente e inconsciente dos sujeitos-ouvintes. Traçado esse caminho, busca-se compreender as interfaces da comunicação no rádio.

Se a comunicação é um meio que introduz na pauta da sociedade temas e questões de interesse para as práticas educativas, surge então a premissa de que as emissoras educativas deveriam seguir uma proposta de serem aliadas ao desenvolvimento social, elaborando uma programação com finalidades educativo-culturais. Essa proposta ecoa aquilo que o dramaturgo e poeta alemão Bertolt Brecht (1966) já indicava em seus estudos das teorias do rádio, propondo a participação ativa dos ouvintes e a produção de sentido que se dá nos receptores enquanto sujeitos capazes de elaboração.

Outro pilar para a proposta desse trabalho é o pensamento do educador e filósofo brasileiro Paulo Freire (2003), que discutiu novos modelos escolares e a possível complementaridade da educação social pelos meios de comunicação como poderosos e potencialmente aliados. É a partir desse cenário que esse estudo levanta suas hipóteses referentes à função do radiojornalismo ambiental.

A condição do jornalismo ambiental como veículo de informação e cidadania propõe refletir sobre diversas questões como: Quem define a cobertura ambiental no radiojornalismo? Qual o papel do repórter, especialista e ouvintes em cada trabalho

jornalístico feito na rádio? Como exercer os dois papéis fundamentais do jornalismo – prestação de serviços e orientação/educação?

A reflexão do radiojornalismo a partir da educomunicação – sob a ótica dos pensamentos de Kaplún, Freire e Bueno – e da temática ambiental será ainda mais valiosa quando o projeto puder oferecer, em suas considerações finais, uma perspectiva atual do radiojornalismo ambiental, auxiliando emissoras e profissionais a desenvolverem práticas e posturas mais cidadãs, pensando a educação via rádio. A intenção desse trabalho é identificar os critérios para seleção e interpretação do conteúdo ambiental em noticiários, além de oferecer possibilidades de mudança e melhoria da cobertura jornalística ambiental.

Justificativa

As discussões sobre mídia e sociedade, de como essas se relacionam e se complementam, têm sido cada vez mais presentes na vida cotidiana, a exemplo dos debates sobre conteúdo televisivo e a influência em diferentes realidades sociais, questionamentos sobre a real participação de ouvintes no rádio, entraves sobre a validade da construção colaborativa online e etc. Uma das vertentes para se pensar tantas correntes é a já citada educomunicação, proposta de Mário Kaplún (1992) que continua em voga e aprimoramento até a atualidade.

Mas como o papel do radiojornalismo se encaixaria nesse trabalho de educomunicação? O ideal é entendido como a maior proximidade possível entre o exercício e o produto do radiojornalismo com as diretrizes do conceito de educomunicação. É ver o exercício verdadeiro, no radiojornalismo, da sua função de orientar para educar (ainda que ele exerça também, em determinadas circunstâncias, o trabalho de informar e entreter). Uma forma interessante de ver como essa possibilidade pode ser tornar concreta nos meios de comunicação e, em especial, o rádio, é trazida novamente pelo educador Paulo Freire (2003), sob a ideia de complementaridade à escola. “Essa escola necessariamente se renovaria, com a presença desses instrumentos comunicantes que a gente tem aí, e poderia também ajudar até a tarefa dos meios de comunicação” (Freire, 2003:37). É nessa aliança entre uma nova escola e o poder dos meios de comunicação que o rádio pode se pensar como educador, sobretudo as rádios

educativas. Freire ainda relata lugar do ouvinte nessa interação mídia-sujeitos: “(...) produzir as suas mensagens e a utilizar esses recursos como meios de sua própria expressão” (2003: 43).

O universo radiofônico também aponta outros caminhos para a análise proposta nesse projeto, como os inúmeros gêneros radiofônicos. O argentino Mário Kaplún (1997), pai da educomunicação, diferenciava doze deles, pensando em “gêneros falados”. Já o pesquisador brasileiro André Barbosa Filho propõe em seu livro sobre gêneros radiofônicos (2009) uma diferenciação dos gêneros por meio de sua função frente às expectativas das audiências. Assim, a classificação é determinada pelos gêneros jornalístico, educativo-cultural, entretenimento, publicitário, propagandístico, de serviço e especial.

Sobre o gênero jornalístico, a definição de André Barbosa Filho trata como “instrumento de que dispõe o rádio para atualizar seu público por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos” (Filho, 2009: 89). Para o autor, há a presença de características subjetivas, que são a inserção ou não de opiniões particulares dos responsáveis pelo programa. Dividido em treze formatos (nota, notícia, boletim, reportagem, entrevista, comentário, editorial, crônica, radiojornal, documentário jornalístico, mesa-redonda ou debates, programa policial, programa esportivo e divulgação tecnocientífica), os gêneros jornalísticos trazem diferenças desde a forma como são produzidos até sua veiculação no rádio.

Em se tratando do gênero educativo-cultural (que também compreende o objeto de estudo dessa dissertação⁹) temos uma realidade brasileira particular, marcada por dificuldades comerciais, éticas e técnicas. Como um exemplo de cada temos: a falta de financiamento público e privado na realização de programas criativos e educativos, o desinteresse e descompromisso em desenvolver projetos que visem orientar seus ouvintes para uma perspectiva educativa de qualidade, e as tendências homogeneizantes de uma prática jornalístico calcada em modelos e métodos ultrapassados e nada condizentes à sua realidade nacional. Como diria o educador Paulo Freire, são todos formatos de produção com propostas domesticadoras do consumidor (2003).

⁹ Reforça-se aqui a visão de que o radiojornalismo ambiental é uma perspectiva que se aplica tanto aos gêneros jornalísticos quanto ao educativo-cultural.

Assim, o cenário do qual parte a pesquisa é de uma realidade radiojornalística dominada pela técnica aprisionadora (repercutindo negativamente sobre aqueles a executam) e modelos comerciais massificadores (para aqueles que buscavam interação). Seu antídoto, proposto aqui em forma de reflexão e possibilidade de ser executado, é seguir a proposta de educar, indo além das já conhecidas funções que exerce ao informar e entreter.

Para observar o fazer e o conteúdo dos programas radiojornalísticos foi escolhido um tema fértil e atualmente no “olho do furacão” social – o meio ambiente e todas as questões concernentes ao ser humano que faz parte desse universo maior. São focos de atenções e debates que giram especialmente em torno da educação ambiental, trabalho cujo um dos intuitos é tentar reduzir os entraves da relação homem-natureza, buscando “estabelecer uma nova aliança entre a humanidade e a natureza, desenvolver uma nova razão que não seja sinônimo de autodestruição, exigindo o componente ético nas relações econômicas, políticas e sociais.” (Reigota, 1994, p.58).

Marcos Reigota, biólogo brasileiro e doutor em educação, desenvolve a ideia acima, complementando ainda a proposta da harmonia dinâmica do teólogo e professor Leonardo Boff (1999) para as relações homem-natureza. Ambos os autores são valiosos para o pensamento sobre educação ambiental na mídia a ser desenvolvido nesse projeto. Para lançar um olhar e pesquisar tal tema dentro do radiojornalismo, toma-se emprestado a definição do professor Bueno:

“o jornalismo ambiental se caracteriza pelas matérias / colunas / editoriais / cadernos sobre meio ambiente publicados na mídia de massa (imprensa de informação geral ou especializada) como nos veículos ou espaços (de produção jornalística) exclusivamente destinados a meio ambiente” (BUENO, 2007)

Quando se fala na abordagem do tema ambiental, a responsabilidade dos jornalistas está além da competência em informar, mas também na capacidade de educar e conscientizar. Como afirma a jornalista e pesquisadora gaúcha Ilza Girardi¹⁰, “este é o

¹⁰ Ilza Girardi atua como professora associada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e acumula experiência nas áreas de Comunicação, com ênfase em Comunicação Ambiental. É atualmente coordenadora do Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul e tem em sua lista de produções livros como: *Para fazer Rádio Comunitária* (2009) e *Jornalismo ambiental: desafios e reflexões* (2008).

exercício inerente à profissão, e que ganha uma carga extra de responsabilidade quando passamos a lidar com o tema ambiental” (Girardi, 2006: 2).

Reforçando tal visão, Bueno aponta a necessidade de assumir determinadas características e singularidades do jornalismo, a começar pelas máximas do “compromisso com o interesse público, com a democratização do conhecimento, com a ampliação do debate” (Bueno, 2007: 36). Dentre uma das exigências apontadas pelo autor está o uso da ferramenta jornalística para potencializar diálogos, compatibilizar visões, experiências e conhecimentos que possam contribuir para a educação e o desenvolvimento sustentável.

Logo, a justificativa principal desse estudo está na importância da análise a que se propõe: uma visão crítica e apurada sobre o fazer radiojornalístico ambiental, principalmente em emissoras educativas. O mundo atual, inserido no que muitos autores das ciências humanas chamam de era pós-moderna¹¹, carece de uma bagagem interdisciplinar de interpretações e, sobretudo, de uma grande sensibilidade para tratar de questões evidentes e urgentes como essa – a da comunicação para a educação.

Objetivos

Dentro dos objetivos gerais da dissertação a ser desenvolvida está definir as características do radiojornalismo ambiental nas rádios educativas (pauta, orientação e participação). Ainda, pretende-se posicionar a orientação dos conteúdos ambientais no radiojornalismo das rádios educativas quanto à sua função educativa/orientadora. Por último, mas não menos importante, tem-se como objetivo geral debater a importância da educomunicação no cenário atual e apontar caminhos para o desenvolvimento da perspectiva educacional pelo meio radiofônico.

De maneira mais detalhada, como objetivos específicos, propõe-se identificar como são escolhidas e tratadas as pautas ambientais dos programas de radiojornalismo; analisar a orientação do conteúdo desses programas, pensando na questão educativa inerente a essas rádios; identificar as vozes que fazem parte desses programas, especialmente se há a participação do ouvinte e como ela acontece; tentar definir os

¹¹ A ideia de pós-modernidade adotada aqui é a de Zygmunt Bauman. “Nossa hora, contudo, é a da desregulamentação. O princípio de realidade, hoje, tem de se defender no tribunal de justiça onde o princípio de prazer é o juiz que a está presidindo”, (BAUMAN, 1998: 9).

papéis do jornalista e especialista nos temas ambientais do radiojornalismo e analisar se há ou não a coerência dos programas radiojornalísticos com a função educativa das rádios.

Hipóteses

A proposta de pesquisa parte da hipótese de que o radiojornalismo, em sua cobertura ambiental, caracteriza-se por uma precariedade no exercício das suas funções (informar, interpretar, orientar e entreter), em especial a de orientar para educar os ouvintes, revelando assim um sistema de pauta e apresentação da notícia que pouco contém um trabalho engajado e participativo.

As duas hipóteses estabelecidas para a análise nesse trabalho são: os programas jornalísticos das rádios educativas dedicam-se pouco à seleção e produção de matérias ambientais que envolvam e eduquem os ouvintes; e tais programas ainda se prendem a um modelo comum de cobertura ambiental, com a predominância da palavra do especialista em detrimento de uma análise do jornalista e interação com o ouvinte.

10

Objetos

Serão estudadas duas rádios educativas em São Paulo e duas em Minas Gerais. Na capital paulista, a 103,3 FM Rádio Cultura¹² teve como escolhido o programa “Atenção Brasil”, que vai ao ar diariamente, às 19h. É o primeiro jornal conjunto das rádios Cultura FM e Cultura Brasil, no ar desde 2005. Divide-se em blocos temáticos com foco na notícia, interpretação e análise. Aponta a preocupação com a cidadania - os direitos e deveres do cidadão.

O segundo programa escolhido é o “USP Notícias Primeira Edição”, da 93,7 FM Rádio USP¹³. Veiculado das 7h às 8h, nos dias úteis da semana, trata-se de um noticiário voltado às atividades da Universidade, com matérias sobre ciência, tecnologia, educação e cultura. O programa também informa os ouvintes sobre os eventos mais importantes da USP.

¹² Site disponível: <http://www.culturabrasil.com.br/>. Acesso em 19.08.2010.

¹³ Site disponível: <http://www.radio.usp.br/>. Acesso em 19.08.2010.

Já em Belo Horizonte, capital mineira, foi selecionado o programa “Variedades”, da 106,7 FM Rádio Favela¹⁴. No ar diariamente, das 10h às 13h, ele mescla música e notícia. O segundo, da 104,5 FM UFMG Educativa¹⁵, é o programa Jornal UFMG, que acontece no horário das 12h30 e com meia hora de duração, todos os dias da semana. Trata-se de um informativo de meia hora com as principais notícias do dia, análises e cobertura dos acontecimentos. São temas correntes: política, economia, saúde, internacional, divulgação científica, cidades, esportes e outros. Os conteúdos são produzidos pelo Núcleo de Jornalismo da UFMG Educativa. Encontram-se disponíveis na internet a edição diária e entrevista ao vivo do jornal. Na primeira semana de cada mês, são veiculadas ainda reportagens especiais.

Metodologia

Na esfera das rádios educativas, foram selecionadas para análise as quatro emissoras citadas acima e seus principais programas jornalísticos. Em São Paulo, a Rádio USP e a Rádio Cultura; e em Belo Horizonte, a Rádio Favela e a UFMG Educativa.

Na Rádio USP foi selecionado o programa USP Notícias Primeira Edição, veiculado das 7h às 8h, nos dias úteis da semana. Há possibilidade de análise, à parte, como programa não jornalístico, mas de cunho predominantemente ambiental, o Cidadão sustentável, transmitido às 3as e 5as, nos horários das 8h e 21h. Já na Rádio Cultura, o programa jornalístico escolhido (só há um) é o Atenção Brasil, que vai ao ar diariamente, às 19h.

Das emissoras mineiras, a Rádio Favela tem apenas um programa de caráter semelhante ao jornalístico, o “Variedades”, que vai ao ar diariamente, das 10h às 13h. Como a programação sofre, constantemente, alterações, vamos procurar nos ater àqueles programas que mais se aproximam do gênero jornalismo, como foi visto acima na definição de Barbosa Filho. Já a UFMG Educativa tem em sua grade diária o programa Jornal UFMG, no horário das 12h30 e com meia hora de duração. Existem

¹⁴ Site disponível: <http://radiofavelafm.com.br/>. Acesso em 19.08.2010.

¹⁵ Site disponível: <http://www.ufmg.br/online/radio/>. Acesso em 19.08.2010.

mais programas do gênero jornalístico na grade, mas esse foi o que mais apresentou um maior número de características em comum ao que se fixou como definição.

A proposta é gravar os programas durante um mês, com uma semana para cada emissora. Para amostra, será feita a gravação e análise de duas edições semanais de cada programa, como forma de diferenciar o conteúdo conforme os dias analisados. Os programas são escolhidos por sorteio direcionado, sendo seguidos os dias da semana, excluindo sábado e domingo. Assim, a cada semana será selecionado um dos programas, com duas edições entre segunda e sexta-feira. Ao final, serão analisados dois programas de cada emissora, num total de oito programas.

O levantamento de dados e a construção do quadro teórico metodológico da pesquisa estão sendo trabalhado desde o início do mestrado, subsidiando grande parte da pesquisa de campo que será conduzida no segundo semestre do primeiro ano de mestrado. Nessa pesquisa de campo serão realizadas entrevistas, colhidos materiais radiofônicos e pautas produzidas para os respectivos programas em cada uma das emissoras. Esse levantamento prévio é fundamental para o conhecimento mais aprofundado do trabalho dos jornalistas e convidados que são responsáveis pela construção das pautas, linha editorial e programas.

Já a análise dos programas – programada para ser desenvolvida no primeiro semestre de 2010 – servirá como material essencial para entender a orientação das reportagens, a participação dos ouvintes e o cumprimento da função educativa nas rádios. Essa segunda fase, mais direta, entra nas especificidades do programa jornalístico, como conteúdo e formato das matérias (especialmente editoriais, pauta, conteúdo e gêneros), e demais elementos que essas trazem (fontes, atores, vozes e participações).

Seguindo tal percurso metodológico, pretende-se produzir um material de referência para os estudos e a prática do radiojornalismo ambiental no Brasil. Considera-se que tal campo, em constante mutação, é rico em significados e potencialmente capaz de produzir perspectivas sustentáveis e cidadãs para a sociedade atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- BOHM, David. “Sobre a comunicação”. In *Dialogo: comunicação e redes de convivência*. São Paulo: Palas Athena, 2005, p.27-32.
- BRECHT, Bertolt. “Cinco maneiras de dizer a verdade”. In *Revista Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, 1966, n.5, p.259-273.
- _____. Teoria do rádio. In MEDITCH, Eduardo (Org.) *Teorias do rádio*. Florianópolis: Insular, 2005, p.259-273.
- BUENO, Wilson da Costa. *Jornalismo Ambiental: navegando por um conceito e por uma prática*. 2004. Disponível em: <http://ecoviagem.uol.com.br/fique-por-dentro/artigos/meioambiente/jornalismo-ambiental-navegando-por-um-conceito-e-por-uma-pratica-1239.asp>
- _____. *Jornalismo ambiental: explorando além do conceito*. Paraná: Editora UFPR, Desenvolvimento e Meio Ambiente, nº 15, p.33-44, jan/jun 2007.
- FILHO, André Barbosa. “Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio”. 2ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- FREIRE, Paulo & GUIMARÃES, Sérgio. *Sobre a educação (diálogos)*. Vol. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- GIRARDI, Ilza Torino; MASSIER, Carine; SCHWAAB, Reges Toni. “Pensando o Jornalismo Ambiental na ótica da Sustentabilidade”. *UNIrevista*, Rio Grande de Sul, v.1, no 3 / Julho de 2006.
- GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- JUNG, Milton. *Jornalismo de Rádio*. São Paulo: Contexto, 2004.
- KAPLÚN, Mário. *A la educación por la comunicación. La práctica de la comunicación educativa*. Santiago de Chile: UNESCO, 1992.
- KAPLÚN, Mario. “Processos educativos e canais de comunicação”. *Revista Comunicação & Educação*, São Paulo: Moderna / ECA-USP, p. 68-75, jan/abr 1999.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio – os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus, 1985.

_____. *Interatividade entre rosas e espinhos*. In *Revista Novos Olhares*. São Paulo, ECA/USP, ano 1, no 2: 1998. p.13-30.

_____. *Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de uma história*. In *Revista USP*. São Paulo, ECA/USP, no 56, p.66-85, dez./fev. 2002/2003.

SHAFFER, Murray R. “Rádio Radical”. In BENTES, Ivana & ZAREMBA, Lilian (Orgs.), *Rádio nova: constelações da radiofonia contemporânea*. Rio de Janeiro: UFRJ-ECO-Publique, 1997, p.27-39.

REIGOTA, Marcus. *O que é Educação Ambiental*. São Paulo: Editora Braziliense, 1994.

VILLAR, Roberto. *Jornalismo Ambiental – Evolução e Perspectivas*. Disponível em: <http://www.agirazul.com.br/artigos/jorental.htm>

Ministério da Cultura, disponível em <http://www.mc.gov.br/radiodifusao>. Acesso em 01/08/2010

NCE-USP, disponível em <http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao>. Acesso em 01/08/2010